

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

NAYSA MENEGON BIFF

**O PROFESSOR DE ARTE E O ALUNO COM CEGUEIRA: UM ENCONTRO
POSSÍVEL?**

CRICIÚMA, 2014

NAYSA MENEGON BIFF

**O PROFESSOR DE ARTE E O ALUNO COM CEGUEIRA: UM ENCONTRO
POSSÍVEL?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Me. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA, 2014

NAYSA MENEGON BIFF

**O PROFESSOR DE ARTE E O ALUNO COM CEGUEIRA: UM ENCONTRO
POSSÍVEL?**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Édina Regina Baumer – Mestre - UNESC - Orientador

Prof. Sergio Honorato – Mestre – UFSC - UNESC

Prof. Simone das Graças Nogueira Feltrin – Especialista - UNESC

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me iluminar, conduzir e me proteger.

Agradeço a meus pais Paulo Euclair Biff, mãe Elizabete Menegon Biff e a minha irmã Alinie Menegon Biff pelo apoio, por estar comigo em cada desafio, me dando forças, confiança, incentivo a nunca desistir e sempre estar em busca de meus objetivos.

A todas as pessoas que estiveram comigo neste curso, professores e amigos, nos momentos de alegria e desafios, formando companheiros para toda a vida.

Agradeço em especial a professora Édina Regina Baumer, que além de orientadora foi amiga, me auxiliou e muito me ajudou.

E a todos que estiveram comigo em cada passo, sempre tendo paciência e compreensão nos momentos vivenciados, chegando assim, a realização de mais uma etapa de minha vida.

“O assunto mais importante do mundo pode ser simplificado até ao ponto em que todos possam apreciá-lo e compreendê-lo. Isso é – ou deveria ser – a mais elevada forma de arte.”

Charles Chaplin

RESUMO

Esta pesquisa se desenvolve a partir de questões envolvendo o professor de artes em sua disciplina e seu aluno com deficiência visual (cegueira). O objetivo geral foi encontrar caminhos para a minha atuação no ensino da arte, ao me encontrar, no futuro, com uma criança com deficiência visual. Os objetivos específicos foram investigar: como o professor de Arte pode desenvolver o ensino por meio de imagens, anúncios visuais, fotografias, desenhos se a criança tem deficiência visual? Identificar quais os recursos necessários para desenvolver um ensino de qualidade nessas condições? Qual a metodologia utilizada? Quais as dificuldades para ensinar uma pessoa cega por esse meio das linguagens visuais? Para isso optei por uma pesquisa bibliográfica que esteve em busca da resposta para o problema: quais são as estratégias que o professor de arte pode desenvolver para trabalhar com a linguagem visual junto aos alunos com deficiência visual? O referencial teórico está composto, principalmente por autores como Sá (2006), Pereira (2007), Iavelberg (2003), Fusari e Ferraz (2001) e Caiado (2006) além de documentos como os PCN (BRASIL, 2001) e Federação Nacional das APAES (2001) dentre outros autores. A pesquisa de campo foi realizada por meio de questionário dirigido a quatro professores de Arte da região do extremo sul catarinense. Percebe-se que os professores tem a consciência da necessidade de um aprendizado no qual haja a inclusão em sala de aula e sabem que é preciso ter o cuidado necessário diante das atividades propostas, porém sentem falta de um embasamento que lhes possibilite um conhecimento maior diante do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência. A pesquisa trouxe como resultado a ideia de que pode-se desenvolver bons trabalhos dentro do processo de ensino e aprendizagem da arte, junto aos alunos com deficiência visual (cegueira) bastando para isso metodologias diversificadas e específicas, materiais adaptados e capacitação. Foi possível concluir que o ensino pode ser desenvolvido com várias linguagens e vale ressaltar que o professor é o mediador, aquele que conduz seus alunos; falando de arte, ele necessita construir um ambiente lúdico e encantador que desperte a fantasia e a imaginação.

Palavras-chave: Artes Visuais. Deficiência Visual. Professor de Artes. Inclusão.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| APAES | Associação Paulista de Amparo ao Excepcional |
| EVA | Espuma Vinílica Acetinada |
| MEC | Ministério da Educação |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| TCC | Trabalho de Conclusão De Curso |
| UNESC | Universidade do Extremo Sul Catarinense |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA | 11 |
| 3 AS ARTES VISUAIS | 15 |
| 4 AS ARTES VISUAIS E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL..... | 20 |
| 4.1 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE | 24 |
| 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 28 |
| 6 PROPOSTA DE CURSO: | 37 |
| 7 CONCLUSÃO | 40 |
| 8 REFERÊNCIAS..... | 42 |
| 9 APÊNDICE(S) | 45 |

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2013, cursando a sétima fase do curso de licenciatura em Artes Visuais e estudando um tema sobre como ensinar a partir de meios eletrônicos nas aulas de artes, surgiu uma pergunta: como podemos contextualizar as imagens, anúncios e outros materiais visuais com o aluno que possui deficiência visual? Qual o melhor meio de dialogar sobre isso? Tentei questionar com algumas pessoas, tive alguns resultados, mas pensei que seria um bom tema para um estudo mais aprofundado. Decidi o tema do trabalho de conclusão de curso, buscando assim experiências de atuação de alguns professores de artes, com conteúdos das artes visuais junto às pessoas com deficiência visual.

Como o professor de Arte pode desenvolver o ensino por meio de imagens, anúncios visuais, fotografias, desenhos se o aluno tem deficiência visual? Quais os recursos necessários para desenvolver um ensino de qualidade nessas condições? Qual a metodologia utilizada? Quais as dificuldades para ensinar uma pessoa cega por este meio das linguagens visuais?

O problema da pesquisa se definiu então da seguinte forma: quais as estratégias que o professor de Arte pode desenvolver para trabalhar com a linguagem visual junto aos alunos com deficiência visual? O objetivo geral foi analisar a percepção dos professores com relação ao ensino da arte para alunos com deficiência visual inclusos na educação básica. Os objetivos específicos foram: investigar como o professor de Arte pode desenvolver o ensino por meio de imagens, anúncios visuais, fotografias, desenhos se a criança tem deficiência visual; Identificar quais os recursos necessários para desenvolver um ensino de qualidade nessas condições; Verificar a metodologia utilizada; Perceber quais as dificuldades para ensinar uma pessoa cega por este meio das linguagens visuais.

Para isso investiguei como os professores de Arte da região já estão desenvolvendo suas práticas com alunos com deficiência visuais, quais os materiais que utilizam, quais suas dificuldades e satisfação.

Em pesquisa no repositório da biblioteca da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, com a pesquisa sobre um levantamento em busca de novos caminhos e conhecimentos, descobri que há algumas monografias e trabalhos de conclusão de curso que tratam da inclusão escolar: onze estudos falam da educação das pessoas com deficiência e entre eles, apenas um trabalho fala da pessoa com

deficiência visual, mas não o relaciona com a arte na escola; cinco referem-se ao ensino da arte e outras deficiências e uma monografia de especialização traz a questão das tecnologias assistivas para o ensino da arte.

Como instrumento de pesquisa, optei por questionários com quatro professores que tem ou tiveram alunos com a deficiência visual, analisando o desenvolvimento, a troca de conhecimentos, os materiais educativos. O estudo se caracteriza como uma pesquisa sobre arte, mais especificamente sobre o ensino da arte. Quanto à análise dos dados a pesquisa foi de abordagem qualitativa e do ponto de vista da natureza, uma pesquisa básica. Quanto aos objetivos é exploratória e descritiva com procedimentos técnicos da pesquisa de campo envolvendo quatro professores de Artes nas escolas da região de Santa Catarina.

Início falando sobre o ensino de arte na escola, reforçando que por meio da arte o aluno transmite suas vivências e sua cultura, a partir de sua expressão, imaginação e percepção. Coloca seus sentimentos e ideias tornando um aluno crítico e reflexivo na sociedade. Sendo assim, o professor é o mediador, que planeja suas aulas visando a ampliação de repertórios artísticos na construção de conhecimentos por um ser que pensa, age e reflete sobre si e o mundo que o envolve. Fundamento essas ideias com Brasil (2001), Pereira (2007), Iavelberg (2003), Martins, Picosque e Guerra (2009) e Baumer (2012).

Em nosso dia a dia somos rodeados de informações, praticamente tudo é construído por imagens, assim podemos compreender que somos educados pelo olhar, por esse motivo é muito importante estar estudando e compreendendo melhor o campo visual. Nessa perspectiva escrevo o capítulo sobre Artes Visuais, dialogando com os autores Oliveira (2007), Mödinger (2012), Pereira (2007), Dondis (1997), Ferrari (2012) e Barbieri (2012).

Falando de Artes Visuais, a inquietação surge sobre como podemos ensinar os alunos se sua dificuldade está no campo visual? Escrevo então o capítulo intitulado *As Artes Visuais e a Pessoa com Deficiência Visual*, que versa sobre as questões da inclusão do aluno com deficiência visual na escola regular baseando a escrita principalmente em Brasil (2007), na Lei nº 2.678/02 da aprovação para o uso do sistema Braille nas escolas, Argenta e Sá (2010), Caiado (2006), Sá, Campos e Silva (2007), Tibola (2001), Fusari e Ferraz (2001). Essa questão está diretamente ligada à formação de professores e esse subcapítulo tem como fundamento a ideia de Fusari e Ferraz (2001), o site da UNESCO, Iavelberg (2003) e Mantoan (2006).

Depois de conhecer um pouco mais sobre a formação acadêmica dos professores de Arte da nossa região, passo a analisar os questionários respondidos por eles, para este estudo. Na fundamentação da análise, trago os autores Fusari e Ferraz (2001), Sá, Campos e Silva (2007), Alves (2006) e Dondis (1997). Precisamos melhorar a nossa formação para atuar com alunos com deficiência, principalmente com os com deficiência visual, pois quando conhecemos nossos alunos, percebemos a necessidade de estar aprimorando nossas práticas e transformando o trabalho em um ensino de qualidade a todos.

Para finalizar apresento então, uma proposta de curso e as considerações finais deste trabalho de conclusão de curso.

2. O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA

Assim como várias disciplinas, a arte está incluída na educação básica como uma área importante para o desenvolvimento do ser humano, pois diante dela as pessoas se expressam e se desenvolvem. Segundo Pereira:

Aquele que cria está em diálogo com sua cultura e estabelece uma rede de ligações simbólicas dentro das quais encontrará material para a criação. A produção artística é meio de construir significados gerando formas a partir das linguagens. Para a criação, o artista se vale da matéria cultural produzida por seu povo. Matéria essa que encontra sentido nas relações sociais ou que ganha novo sentido nas transformações do artista que impõe pausas capazes de provocar reflexão. (2007, p. 22).

A citação deixa claro que o educando em sala de aula tem vários conteúdos para aprender, mas juntamente com o tema (conteúdo) ele traz experiências, conhecimento, histórias presenciadas e vividas. Entre essas experiências está a arte que constrói e eleva a cultura de cada ser único. Segundo Lavelberg

A arte constitui uma forma ancestral de manifestações, e a apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural. (2003, p.9).

Cada um de nós produz pensamentos, gostos, sentidos, pois vivemos em culturas diferentes, temos identidades incomuns. E considerando o educando na sala de aula com diversas maneiras de pensar e se expressar, com conhecimentos vividos e adquiridos, surgirão significados e aprendizados muito ricos desenvolvendo assim o ponto de vista crítico ou seja, novos olhares para diversas situações.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diversas culturas. (BRASIL, 2001, p.19).

Durante as atividades em artes o aluno vai desenvolvendo cada vez mais suas habilidades, tornando-se expressivo e criativo; com as práticas e exercícios executados em sala de aula, melhorando sua percepção pelo que está em sua volta ampliando a imaginação, estimulando sua fantasia e sonhos com sensibilidade e demonstrando seus sentimentos através das práticas artísticas.

Na arte as pessoas constroem em si

[...] experiências individuais, e as referências culturais, nascidas no convívio com a cultura de seu entorno, direcionam o poetizar/ fruir/ conhecer arte, levando-nos a fabricar sentidos, significações que atribuímos ao que estamos observando. Quanto mais referências tivermos, maiores e diferentes as possibilidades e perspectivas para análises e interpretações. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 2009, p. 19)

O ser humano é construído por sonhos e imaginações, quando conhece a arte e se deixa levar, pode tornar-se mais perceptível e sensível, não se limitando em sua fantasia e criatividade.

Nessa direção, na sala de aula o professor é o mediador, ele tem que abrir caminhos, mas não entregar a resposta. Ele tem o papel de direcionar, ser uma base e o apoio no qual o aluno possa buscar informações e orientação para aquilo que deseja e sobre o que está aprendendo.

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal ação envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que articulam no ambiente escolar. (IAVELBERG, 2003, p.10).

O professor deve construir seu planejamento com embasamento nas linguagens da arte. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais encontramos a afirmação que “o ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta”. (BRASIL, 2001, p. 21). Assim compreendemos que é a organização de cada escola que deve oferecer aos alunos um bom ensino de arte e analisar o que será oferecido como conteúdo.

Na disciplina de arte na educação básica, na maioria dos casos, o professor formado na licenciatura em Artes Visuais, Dança, Teatro ou Música pode atuar, conforme Baumer explica:

[...] as tendências contemporâneas da educação e da arte apontam para a necessidade da criação de uma nova diretriz curricular que oriente a organização de um curso de graduação para formação do professor de Arte, já que os sistemas de ensino possuem a disciplina de Artes e não a disciplina de Artes Visuais ou a disciplina de Música, de Teatro ou de Dança. Nesse caso torna-se obsoleta também uma diretriz curricular para o curso de Artes Visuais Licenciatura – ou Música, ou Teatro ou Dança – visto que a LDB n. 9.394/96 e outros documentos norteadores da educação, prevêm o ensino das diversas linguagens da arte, na escola. (2012, p.5).

O professor de Arte na escola lida com os conteúdos de artes onde encontramos as artes visuais, que abrangem várias linguagens que podem ser estudadas. De acordo com o PCNs que:

[...] além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modalidade (fotografias, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance). (BRASIL, 2001, p. 61).

Através desses meios da dança, teatro, artes visuais e música, os alunos podem colocar suas expressões e comunicar-se com outras pessoas transmitindo seus pensamentos, sentimentos, imaginação, com as produções e criações. Outro ponto destacado no meio do ensino das artes é a música, presente entre as pessoas transmitindo sentimentos e emoções. Desde a pré-história o homem já produzia sons e se comunicava por meio dele.

Segundo o PCN (BRASIL, 2001, p.77)

para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula.

Sendo muito importante assim o incentivo aos alunos na participação e estar no meio artístico como os shows, festivais, dentre outros eventos artísticos.

Podemos encontrar mais dois conteúdos importantes da arte: o teatro e a dança, sendo esses muito ricos para o ensino. Neles a pessoa pode se conhecer melhor e conhecer o que está ao seu redor.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só a função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. (BRASIL, 2001, p. 84).

Compreendemos assim como é importante o teatro no desenvolvimento e na aprendizagem do educando. Diante disto eles se conhecem e colocam-se no lugar de outras pessoas, conhecendo outras culturas. Sua criatividade se amplia, pois seu modo de perceber e inovar se expande, criando novos modos de ver, agir e analisar.

Da mesma forma por meio da dança se conhece o seu corpo, amplia a motricidade, desenvolve a mente.

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo

expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. (BRASIL, 2001, p.67).

Podemos perceber que há uma importância muito grande nessa linguagem, a dança, pois desenvolve a personalidade, seus gostos, oportunizando mais maturidade e afetividade nas relações.

De um modo geral, pessoas que vivem e apreendem a linguagem artística, obtêm um olhar crítico e reflexivo no modo de perceber o mundo. Ressalto que, na escola, o ensino da arte deve abranger as diversas formas de expressão artística. No entanto, para este estudo, trago a ênfase para as Artes Visuais já que o problema da pesquisa envolve a criança com deficiência visual.

3. AS ARTES VISUAIS

Em nosso dia a dia as artes visuais estão presentes quando ligamos a televisão, no cinema, teatro, na internet, nas propagandas e outros espaços e situações onde o centro é a imagem. Ela é um meio pelo qual conseguem-se informações, a criatividade e que possibilita a expressão, enfim, diversos conhecimentos. Para Oliveira (2007, p.43) as imagens

[...] são as expressões da essência de uma sociedade, da sua própria cultura, criações pautadas pelos seus sentimentos, pensamentos, anseios, críticas ou dúvidas e que, portanto, a essa mesma sociedade, antes de mais nada, devem estar acessíveis. Do mesmo modo, as imagens são canais comunicantes que devem estar disponíveis para que essa sociedade interaja e seja compreendida pelas demais, de um modo mais amplo [...].

Por mais que não percebemos, estamos envolvidos e nos deixamos muitas vezes ser influenciados pela imagem. Mödinger diz que:

Hoje, vivemos num período de democratização visual, se considerarmos a facilidade de acesso e a disponibilidade de recursos em relação ao consumo, à produção e à criação de imagens. No entanto, isso não quer dizer que estejamos plenamente preparados para lidar com todas as suas possibilidades. (2012, p. 55).

Nos dias de hoje a comunicação por meio visual está muito eficaz, muitas informações e mensagens são passadas apenas pela imagem, assim estamos sendo educados pelo olhar, mas muitos de nós não estamos preparados para isso, para distinguir o que as imagens representam.

Uma gama ilimitada de conteúdos é oferecida aos indivíduos a cada minuto, com os mais diversificados objetivos. Se não for propiciada a oportunidade de conhecer o funcionamento dos códigos imagéticos, duas são as possibilidades: ou as pessoas não serão capazes de fazer sua tradução, sendo a elas, neste caso, sonegados conhecimentos, ou farão uma leitura intuitiva, talvez equivocada. Ambas as hipóteses, não há como negar, são danosas ao cidadão. (OLIVEIRA, 2007, p.39).

A linguagem visual abrange diversos caminhos nos quais artistas apresentam questões muitas vezes já vivenciadas, contextualizando acontecimentos e colocando sua criatividade e emoção à outras pessoas. Podemos compreender isso quando Pereira nos fala: “a criação de imagens envolve tanto o conhecimento do sujeito sobre si, sobre sua cultura, quanto sobre as linguagens” (2007, p.20).

O aprendiz ao executar atividades sobre a linguagem visual desenvolve a percepção, coloca ideias e pensamentos presentes no convívio dentro de sua

cultura. No momento em que cria apresenta um pouco de sua identidade e aprende outros gostos, sentimentos, desenvolvendo o lado crítico e perceptível.

As linguagens artísticas requerem conhecimentos específicos. Por isso ao desenharem, pintarem, realizarem fotografias, as pessoas mobilizam conhecimentos específicos e procuram aproximar idéias e formas. Para criar, o sujeito busca referências. Utiliza o vocabulário construído nas relações sociais. (PEREIRA, 2007, p. 18).

Muitas imagens que estão presentes em nosso cotidiano compõem-se de uma quantidade de elementos que transformam e se modificam nas estruturas, e conforme Dondis “são muitos os pontos de vista a partir dos quais podemos analisar qualquer obra visual; um dos mais reveladores é decompô-la em seus elementos construtivos, para melhor compreendermos o todo”. (1997, p. 52). Assim ao estudar ou desenvolver uma atividade visual, estaremos analisando e percebendo as características que completam qualquer imagem.

Diante disso, podemos compreender melhor cada caminho que a linguagem visual desenvolveu, como o desenho, a pintura, a escultura, a gravura, a pintura, dentre outros elementos que “consistem a substância básica daquilo que vemos, e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escola, e o movimento”. (DONDIS, 1997, p. 51).

Uma escultura se forma a partir de alguns materiais como a argila, o mármore, a madeira e requer, muitas vezes, ferramentas para a construção; suas expressões são marcantes e muito analisadas tanto pelo tato, quanto pelo olhar do espectador: os sentimentos e expressões contidas transformam um simples barro em algo muito significado, comovente e impressionante

A criação de uma escultura diferencia-se do desenho e da pintura por sua essência tridimensional: tem largura, altura e profundidade. Esse fato impõe outra maneira de pensar a forma, pois esta deve ser apreciada em todos os seus lados. A escultura relaciona-se com o espaço de maneira diferente da pintura e do desenho. Enquanto a pintura e o desenho, tradicionalmente, fixam-se numa parede, ou em um suporte, e faz com que o leitor da obra se poste diante dela para apreciá-la, a escultura pede interação. O leitor anda, percorre, caminha em torno para observar a escultura. (PEREIRA, 2007, p. 78 e 79).

Uma das linguagens visuais mais utilizada nos dias atuais é a fotografia; nela as pessoas registram fatos ocorridos, guardam histórias e arquivam a cultura do momento.

A fotografia é dominada pelo elemento visual em que interatuam o tom a cor, ainda que dela também participem a forma, a textura e a escala. Mas a fotografia também põe diante do artista e do espectador o mais convincente

simulacro da dimensão, pois a lente, como o olho humano, vê, e expressa aquilo que vê em uma perspectiva perfeita. (DONDIS, 1997, p. 215).

A fotografia permite que arquivemos fatos, na qual lembranças podem ser mantidas por esse registro, nos permitindo viajar para o passado.

A televisão é outro elemento muito presente nos dias atuais e por meio dela podemos estar informados pelos acontecimentos do mundo afora, na moda, propagandas, jornais, dentre outros fatos importantes. É um meio de comunicação audiovisual muito presente no dia a dia e junto com o cinema, que é outro meio audiovisual, faz parte da mídia que tanto influencia a todos nas sociedades contemporâneas. Para Dondis, “tanto para o espectador quanto para o realizador, o elemento visual predominante no cinema é o movimento” (1997, p. 218), e a partir das imagens e das outras linguagens da arte envolvidas na criação, exercitamos a imaginação e a memória muitas vezes comparando com nossa realidade.

O cinema, por exemplo, classificado como uma modalidade das artes visuais, utiliza outras linguagens. Música, dramaturgia, roteiro e outros recursos artísticos são tão potentes nessa linguagem que ela passou a ser chamada de “sétima arte”, pois tem seu próprio modo de constituir-se. (FERRARI, 2012, p. 59).

Outro meio da arte visual é a pintura e o desenho, que encontramos em muitas atividades. O desenho é a linguagem mais acessível das artes visuais e “é também uma das principais formas de interação entre a criança e as artes visuais- quando ela cria maneiras de representação, experimenta formas e materiais”. (PEREIRA, 2007, p 25 e 26). Para muitas crianças o desenho é uma das primeiras linguagens pela qual a criança se expressa e coloca o que sente sobre o que se relaciona com ela e com outros, muitas vezes em forma de ranhuras.

O desenho é um jogo imaginativo, no qual podemos experimentar vários caminhos. Ao inventar um personagem, também inventamos seu modo de ser, seu universo, que se complexifica a cada informação que acrescentamos. O desenho nos informa sobre o próprio processo de desenhar. Também é uma maneira de investigar uma ideia. Quando se desenha, a ideia se torna mais concreta, vem ao mundo, e podemos olhar para ela. Ao mesmo tempo, desenhar é uma maneira de observar o que está à nossa volta, pensar o mundo. Ao traçarmos uma linha escolhemos um caminho para o nosso desenho. (BARBIERI, 2012, p. 88-89).

Desde pequenos colocamos em rabiscos como entendemos e compreendemos o que está em nosso redor e a partir desse momento podemos começar a nos descobrir e nos encontrar no espaço em que estamos, apreciando e explorando-o. Barbieri (2012, p. 86) afirma que “o desenho traz um prazer visual e

motor - o prazer e o ver integrados em um momento de criação. Enquanto desenhamos dialogamos com o desenho e os traços”.

Da mesma forma, vários pintores desenvolveram em seus trabalhos, pinceladas diferentes, cada um com uma expressão também diferenciada.

Em alguns períodos da história da arte, a pintura requeria um acabamento absolutamente liso. As marcas da pincelada do artista, a percepção do gesto, da marca do pincel, era algo indesejável. Artistas acadêmicos, ou seja, aqueles que seguiam as regras da academia (regras clássicas) deveriam criar uma pintura perfeitamente lisa. Em contraposição, os artistas modernos criaram uma pintura mais fluida, em que se notava o gesto na obra acabada, ou seja, a pincelada era perceptível, como marca da gestualidade. (PEREIRA, 2007, p. 53).

Assim em cada tempo, um jeito, uma expressão, um modo de expressar o que desejavam na tela e também em outros materiais. Cada artista com seu estilo, sua cor e sua técnica.

A gravura é uma das linguagens vindas desde o início do século XIX e na produção necessita de “uma matriz, onde se grava o desenho para posterior impressão. Esse tipo de produção permite a tiragem de cópias o que barateia a obra e possibilita o acesso ao público a obras originais” (PEREIRA, 2007, p.112). Um procedimento muitas vezes demorado, mas com um único desenho se consegue fazer várias imagens sendo cada uma delas, uma nova estampa.

Muitas dessas linguagens foram se ampliando dando espaço a maneiras diferentes de expressão, como podemos ver na videoarte, uma linguagem “híbrida, porque mistura diversos contextos, mídias e linguagens: fotografia, vídeo, televisão, sons de rádio, depoimentos de pessoas, imagens e sons da cidade, outdoors e cartazes, músicas de diferentes estilos”. (FERRARI, 2012, p. 63).

Ou quando os “espetáculos contemporâneos de companhias de circo apresentam modos de narrar potencializam as linguagens do teatro e da dança, aliados a recursos tecnológicos que contribuem para um espetáculo também musical e visual” (FERRARI, 2012, p. 64). Aqui vemos os novos caminhos para as artes visuais da atualidade onde nos deparamos com elementos e situações do dia a dia que passam despercebidas, porém a arte contemporânea vem nos apresentar isso. Muitas vezes nos assombra, abala e espanta, mas essa é a intenção, nos fazer pensar.

A arte contemporânea tem muito a nos ensinar sobre como lidar com a contemporaneidade, para perceber caminhos de diálogo e, ao mesmo tempo, caminhos para o devaneio, que nos levam a outras possibilidades de

ações, outros modos de olhar para as questões contemporâneas e poder solucioná-las de maneiras inusitadas. (BARBIERI, 2012, p. 25).

A arte está em transformação, sendo que as linguagens visuais estão sempre existentes em todos os períodos da história, presente no nosso cotidiano.

4 AS ARTES VISUAIS E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Em sala de aula podemos encontrar alunos com uma cultura e um modo de viver diferente. Da mesma forma nos deparamos com vários tipos de deficiência e de aprendizados, por isso temos que estar prontos a atender e ensinar da melhor forma possível, não excluindo, mas construindo uma socialização e conhecimentos onde todos participem da mesma forma, com técnicas diferentes.

Diante da falta de visão, Argenta e Sá, (2010, p. 33) ressalta: “A falta de visão tem como consequência a impossibilidade de perceber a cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimentos de seres e objetos, entre outras dificuldades”. Nesse caso, a responsabilidade do professor é buscar uma metodologia que possibilite o ensino aos alunos, de aprendizado e interação com todos do ambiente escolar.

Muitas pessoas pensam ou acreditam que os termos ‘cego’ e ‘baixa visão’ tem o mesmo significado e a deficiência é idêntica, não diferenciando uma da outra e lidando de modo igual no processo de ensino aprendizagem e na comunicação com essas pessoas.

Caiado (2006), ao escrever sobre *O trabalho Pedagógico com Aluno Cego*, explica que:

Deficiência visual é uma categoria que inclui pessoas cegas e pessoas com visão reduzida. Na definição pedagógica, a pessoa é cega, mesmo possuindo visão subnormal, quando necessita de instrução do braile; a pessoa com visão subnormal pode ler tipos impressos ampliados ou com auxílio de potentes recursos ópticos. (CARVALHO 1994 apud CAIADO, 2006, p. 33).

Ainda tentando explicar sobre a cegueira e baixa visão, Caiado traz a seguinte informação

A definição clínica afirma que o cego o indivíduo que apresenta acuidade visual menor que 0,1 com a melhor correção ou campo visual abaixo de 20 graus; como visão reduzida quem possui acuidade visual de 6/60 e 18/60 (escala métrica) e/ou um campo visual entre 20 e 50 graus, e sua visão não pode ser corrigida por tratamento clínico ou cirúrgico nem com óculos convencionais. (CARVALHO 1994 apud CAIADO, 2006, p. 33).

Compreendo assim que para cada deficiência de baixa visão ou a cegueira há uma necessidade de elementos para o seu aprendizado e sua locomoção. Antigamente, muitas das pessoas com deficiência eram colocadas em situações de isolamento social, fazendo com que não participassem da sociedade,

pois eram tratados como 'coitadinhos e indefesos'. Por volta do século XIX, obtiveram-se ações nas quais se pudesse combater e compensar as desigualdades sociais, mais precisamente depois da Segunda Guerra Mundial, quando foi se conquistando mais cuidado e proteção à essas pessoas, superando a caridade e o assistencialismo. (BRASIL, 2007).

No que se refere à inclusão somos todos responsáveis, pois estamos diante de uma sociedade, devemos estar ajudando um ao outro, dando oportunidades para o desenvolvimento e para a inclusão da comunidade. Nos espaços educacionais os alunos com deficiência devem estar aprendendo e participando com os outros, tendo a atenção igual e solicitando ajuda quando preciso.

No decorrer dos anos foram se abrindo oportunidades no desenvolvimento de ideias e propostas para a educação de forma geral, pensando em um ensino de qualidade quanto às formas de locomoção e de aprendizado das pessoas com deficiência. Em 2004 o Ministério Público Federal reafirma direito de todos na escola regular e o acesso universal nos espaços públicos. Em 2006 a UNESCO desenvolve ações que confirmam a acessibilidade e permanência na educação superior. Um ano depois, em 2007 o desenvolvimento da educação prevê a formação de professores, as salas de recursos multifuncionais, acessibilidade na arquitetura, o acesso e a permanência na educação superior, melhorando a qualidade do ensino à essas pessoas. (BRASIL, 2007).

Assim, compreendemos melhor o papel do professor ao lidar com pessoas com deficiência, pois ao ensinar devem compreender que, para alunos com deficiência visual os materiais devem ser elaborados conforme o executar da criança, com o mesmo objetivo dos outros colegas de sala, sem esquecer que eles tem capacidade de questionar, aprender e interagir, deixando sua criatividade e imaginação florescerem.

Porém, há diferenças em ensinar.

Os alunos com baixa visão necessitam de recursos ópticos e não ópticos além da alteração e de adequação do ambiente escolar. Estes alunos necessitam aprender a usar de forma eficiente a visão residual, os instrumentos e os recursos disponíveis para este fim. (ARGENTA E SÁ, 2010, p.33).

Precisamos assim levar para o espaço educacional uma boa metodologia e equipamentos necessários para o desenvolvimento dos alunos com deficiência

visual.

E para uma pessoa com deficiência visual se locomover bem no espaço físico, Argenta e Sá (2010, p.36) comenta que depende “[...] do conhecimento, da assimilação e da interpretação de referências ou sinais não visuais como a discriminação de fontes sonoras, de pistas táteis, olfativas, sinestésicas, dentre outras”.

Diante de outros materiais que facilitam a leitura de imagens, códigos e textos o braile conseguiu estar presente, levando a muitas pessoas cegas a facilidade de estar interagindo e compreendendo melhor.

Com a portaria nº 2.678/02 do MEC aprova diretrizes e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e a recomendação para o seu uso em todo o território nacional. (BRASIL, 2007, p.4).

Por volta do ano de 2004 já frequentavam o ensino regular, com a finalidade da inclusão como é publicado no Ministério Público Federal o documento ‘*O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular*’

com o objetivo de disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de alunos com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular. (BRASIL, 2007, p.4).

O aluno com deficiência visual – necessita estar incluído na sociedade onde se encontra e para receber esses alunos cegos ou com outras deficiências a escola necessita se equipar com materiais, equipamentos e preparar um ambiente adequado, facilitando o estudo e a movimentação delas. Essa é a condição das pessoas com deficiência na atualidade, mas nem sempre foi assim.

Caiado (2006, p. 34) relata o pensamento de Vigotsky sobre a opinião predominante no passado com relação à deficiência visual, que “[...] compreende três estágios principais: um período místico, um período biológico- ingênuo e um período científico”.

O período místico é situado entre a Antiguidade e uma parte da História Moderna e nas manifestações da cultura dessa época, a cegueira era considerada uma desgraça ou um dom extraordinário, explica Caiado (2006). Se por um lado a cegueira deixava a pessoa desamparada e indefesa, por outro lhe conferia uma visão interior: “Dom filosófico, poderes proféticos, a proximidade de Deus são

capacidades provenientes de uma alma supersensível, de forças habituais que habitam o enigma da cegueira, era a concepção predominante da época” (CAIADO, 2006, p.34).

O período biológico ingênuo, no Iluminismo, século XVIII, com o avanço da ciência propiciou um entendimento que a pessoa com cegueira pode não ver, porém é mais perceptível com outros órgãos sensoriais compreendendo-se que o conhecimento humano se dá pela experiência sensível.

De acordo com o que Caiado (2006) explica, nesse período a pessoa com cegueira não utilizava de sua visão para se locomover e se direcionar, mas desenvolvia sua percepção por meio de outros sentidos, que ficavam mais aguçados e perceptíveis.

No período científico, que se situa aproximadamente a partir da Idade Moderna,

[...] entende-se que a aprendizagem humana se dá com base na convivência social, na apropriação das atividades historicamente engendradas pelos homens, pela internalização dos significados sociais. Assim, o homem conhece o mundo pela atividade simbolizada nas relações sociais. (CAIADO, 2006, p. 39).

Nessa fase podemos analisar como o ser humano é considerado como alguém que tem sentimentos e se expressa, não importando se há alguma dificuldade, o que podemos ver é que cada ser é único e tem seu modo de expressão. Nessa situação, as pessoas com deficiência visual conseguem desenvolver o aprendizado e se desenvolver a partir da sua cultura, de sua história e dos costumes vivenciados ao seu redor, inseridos em sua história de vida. Assim,

A linguagem, a comunicação e as múltiplas formas de expressão cultural ou artística constituem-se de imagens e apelos visuais cada vez mais complexos e sofisticados. Os conteúdos escolares privilegiam a visualização em todas as áreas de conhecimento, de um universo permeado de símbolos gráficos, imagens, letras e números. Assim, necessidades decorrentes de limitações visuais não devem ser ignoradas, negligenciadas ou confundidas com concessões ou necessidades fictícias. (SÁ, CAMPOS E SILVA, 2007, p. 13).

Todos nos temos o direito ao ensino e à qualidade de vida, não importando quem somos ou o que temos, mas sim que somos pessoas que sentem, pensam e se expressam de alguma maneira. Logo, na escola, para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, é preciso “estratégias que atendam às diferentes necessidades, entre elas o ritmo e o tempo de construção de aprendizagens e as adequações necessárias de infraestrutura e de estratégias

pedagógicas” (TIBOLA, 2001, p.21).

Em especial no ensino da arte, compreendemos que pode haver uma mudança na identidade de cada ser que se encontra com diversas expressões da arte e da cultura, onde sua própria forma de ver o mundo é modificada, levando características pessoais na troca de outros pensamentos e ideias, assim como relata Fusari e Ferraz:

A Educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (2001, p. 19).

Muitas vezes o professor de Arte precisa atuar juntamente com “os profissionais de outras áreas como da Fisioterapia, Psicologia, Educação Física, entre outros, com o objetivo de criar o suporte necessário para o desenvolvimento pleno do aluno” (TIBOLA, 2001, p.21), construindo um ensino de qualidade que oportunize aprendizado para as pessoas com deficiência, com trocas de ideias para o desenvolvimento de sua metodologia. Mas, a formação do professor de Arte começa na graduação, em cursos de licenciatura onde a formação pode ser música, teatro, dança e artes visuais e nesse sentido surge uma inquietação: Será que esses cursos estão formando e desenvolvendo uma boa formação ao professor para o encontro com o aluno cego? Podemos tomar como exemplo o curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC, onde estudo.

4.1 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE

A história do ensino da Arte tem um percurso e mostra que a partir de períodos vivenciados e com o passar dos anos, algumas manifestações aconteceram “[...] objetivando assim um compromisso efetivo com a melhoria da qualidade do trabalho com a Arte e, conseqüentemente, com a educação escolar”. (FUSARI E FERRAZ, 2001, p. 25).

Podemos compreender, segundo Fusari e Ferraz, que o ensino de arte no século XIX até o século XX baseava-se na pedagogia tradicional:

Nas aulas de Artes das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mais ligadas às cópias do “natural” e com a apresentação de “modelos” para os alunos imitarem. Esta atitude estética implica na

adoração de um padrão de beleza que consiste sobretudo em produzir-se e em oferecer-se à percepção, ao sentimento das pessoas, aqueles produtos artísticos que se assemelham com as coisas, com os seres, com os fenômenos de seu mundo ambiente. (2001, p. 27).

Essa tendência não deixava o aluno criar, colocar em suas atividades o que queria expressar e sua imaginação. Nela o educando deveria copiar a realidade, continuar a fazer como o professor, assim não era permitido que diante do aprendizado, a cultura do aluno fosse compartilhada e discutida.

Já na pedagogia nova,

[...] os educadores [...] passam a acreditar que as relações entre as pessoas na sociedade poderiam ser mais satisfatórias, menos injustas, se a educação escolar conseguisse adaptar os estudantes ao seu ambiente social. Para alcançar tais finalidades, propõem experiências cognitivas que devem ocorrer de maneira progressiva, ativa, levando em considerações os interesses, motivações, iniciativas e as necessidades individuais dos alunos. Além do mais, pautadas por esse modo de entender a educação, consideram menos significativa e estruturação racional e lógica dos conhecimentos, como ocorre no ensino tradicional. (FUSARI E FERRAZ, 2001, p. 31).

Por meio do pensamento dessa pedagogia, os alunos eram produtores dos seus trabalhos artísticos, porém muitos utilizavam a cópia, não produziam a partir da criatividade, mas sim de algo já elaborado. A preocupação pela educação evidenciava assim os aspectos voltados para a prática e a experiência.

Por volta do início dos anos 70, criou-se a pedagogia tecnicista, com a “Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71, que introduz a Educação Artística no currículo escolar” (FUSARI E FERRAZ, 2001, p.41), enfatizando que o planejamento das aulas, os planos e conteúdos, dentre outros elementos do trabalho docente, deveriam estar organizados e bem preparados.

Sendo assim, na pedagogia tecnicista

[...] os elementos curriculares essenciais- objetivos, conteúdos, estratégias, técnicas, avaliação – apresentam-se interligados. No entanto, o que está em destaque é a própria organização racional, mecânica, desses elementos curriculares que são explicitados em documentos, tais como os planos de curso e de aulas. Tudo isso visando estabelecer mudanças nos comportamentos dos alunos que, ao “saírem” do curso, devem corresponder aos objetivos preestabelecidos pelo professor, em sintonia com os interesses da sociedade industrial. (FUSARI E FERRAZ, 2001, p. 41).

Na atualidade, o pensamento da tendência pedagógica histórico-cultural está presente na maioria dos sistemas educacionais, considerando especialmente os contextos sociais de cada comunidade escolar. Nessa direção, a formação do professor de Arte na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC tem a

duração de quatro anos, com disciplinas na licenciatura que oportunizam a construção do conhecimento por meio de teorias e de práticas. Nela podemos aprender sobre a história da Arte, um pouco da psicologia da aprendizagem, didática e metodologias para o ensino da arte, as linguagens abrangendo a Música, o Teatro, a Dança e as Artes Visuais sendo essas o centro da formação acadêmica do curso que habilita o professor para trabalhar especialmente com as Artes Visuais. No estágio podemos adquirir diversos conhecimentos de aprendizagem e sobre a escola em geral.

A graduação em Artes Visuais está articulada às Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação. As habilitações compõem um conjunto de disciplinas que dialogam entre si na perspectiva de refletir teoria e prática. Dentre as disciplinas da Licenciatura destacamos: Pintura e Pesquisa, Fotografia e Pesquisa, Apreciação Estética, Metodologias e as Linguagens do Teatro, Música, Dança e Cinema além de outras que completam o desenho da matriz curricular voltada para a formação do professor de arte na contemporaneidade. (<http://www.unesc.net/portal/capa/index/42>).

Observando o conjunto de disciplinas podemos perceber que há no curso apenas duas disciplinas que oportunizam ao acadêmico o conhecimento sobre a inclusão que são os Fundamentos e Metodologia da Educação Especial (na terceira fase do curso) e Libras (na sexta fase). Ambas as disciplinas estão com apenas dois créditos, sendo muito pouco para o aprendizado e o conhecimento das deficiências. Ainda existe uma possibilidade, como disciplina optativa (na oitava fase), de estudarmos um pouco sobre a Arte e Educação Inclusiva.

O site da UNESCO traz a informação de que o curso proporciona uma licenciatura em Artes Visuais que

[...] habilita o egresso para o ensaio através da produção, da pesquisa e do desenvolvimento de projetos educativos e culturais. Ele deve ser um professor apto a atuar em diferentes espaços de educação como escolas das redes pública e privada e em espaços não-formais de educação. (www.unesc.net).

Nesse campo de atuação a pessoa irá lidar com diferentes pessoas, de diferentes culturas, com diversas identidades e com deficiências, muitas vezes. Nesse caso vejo que o profissional deve estar apto a transitar nesse meio e por isso a formação profissional é muito importante mesmo que nunca estejamos preparados, pois aprendemos sempre. Enquanto professores de Arte, devemos ter conhecimento de como desenvolver da melhor maneira o processo de ensino de aprendizagem junto ao aluno com deficiência, inclusive com deficiência visual.

O aluno, no estudo, conhece diversos caminhos para seguir, além de aprender a matéria, os conteúdos, conhece outras culturas e outras competências. Desenvolve a coordenação, o senso crítico, a sua construção em sociedade e no seu ser, no qual, pensa, senti e age. Na disciplina de arte, segundo Iavelberg (2003, p.9),

[...] promove o desenvolvimento de competências e habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos; entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado a todos.

Todas as crianças, adolescentes e jovens precisam de mais atenção em sala de aula e a melhor forma de alcançar essa conquista é primeiro aprendermos esse caminho.

Segundo Mantoan

Os conhecimentos sobre o ensino de alunos com necessidades educacionais especiais não podem ser de domínio apenas de alguns “especialistas”, e sim apropriados pelo maior número possível de profissionais da educação, idealmente por todos. (2006, p. 58).

O professor precisa saber, ao entrar em uma sala, quem são seus alunos, para assim construir um ensino no qual cabe a todos, com materiais acessíveis e transformando a sua aula na magia e no espetáculo, no sonho, na imaginação e na criatividade, construindo tudo isso a partir de sua cultura e de sua realidade.

Segundo Fusari e Ferraz (2001, p.53), ser professor de Arte

[...] é atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. E, para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico.

Na escola, os alunos tem a necessidade de encontrar conhecimentos que possam ser significativos a eles, algo que está em seu dia a dia, ou que de alguma forma possa ser importante para a sua vivência. Precisamos trabalhar conteúdos de artes que despertem a atenção, artistas que fazem parte de nossa região e de suas vivências cotidianas, mas a inquietação continua: quais as estratégias que o professor de Arte pode desenvolver para trabalhar com a linguagem visual junto aos alunos com deficiência visual?

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa básica, que segundo Minayo (1993, p.23), é uma

atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Para uma melhor compreensão do assunto, utilizei a pesquisa bibliográfica sobre a problemática da inclusão escolar, mais especificamente sobre as estratégias que o professor de Arte pode desenvolver ao trabalhar com a linguagem visual junto aos alunos com deficiência visual.

Um tema diante de uma curiosidade: estamos nos tornando professores de Artes e nosso curso tem o nome de Artes Visuais, então como ensinar uma pessoa com falta de visão total?

Com os questionários elaborados, faço minha pesquisa com quatro professores de artes que trabalham ou já estiveram atuando com os alunos com cegueira nas escolas da região do extremo sul de Santa Catarina.

Segundo Minayo (2000, p. 22) a pesquisa qualitativa se “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” assim, analisando os dados podemos refletir sobre as possibilidades do ensino aprendizagem.

Quanto aos seus objetivos a pesquisa é exploratória que

Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. (SILVA, 2001, p. 21).

Com isso foi possível ter acesso e a chegar ao resultado que apresento a seguir “[...] descrevendo as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (SILVA, 2001, p. 21), a partir das respostas dos professores que representam uma parte da realidade escolar.

Diante dos questionários realizados em quatro escolas da região, com professores que trabalham ou já estiveram ensinando alunos com deficiência visual-cegueira, reuni informações a respeito do problema desta pesquisa.

Assim comecei a pesquisa de campo analisando as escolas onde eu pudesse me aprofundar no assunto para o meu trabalho de conclusão de curso. Primeiramente busquei me informar na GERED, me indicaram assim duas escolas, precisando de mais dois ou três professores, decidi perguntar à uma professora da UNESC, que me indicou mais uma professora. E conversando com uma conhecida, ela me contou que também já desenvolveu trabalhos com uma aluna com deficiência visual, conclui então o número de professores para esta pesquisa: quatro professores.

Com o questionário em mãos e após ter conversado com as diretoras e as professoras de artes destes alunos, me dirigi as escolas para a coleta de dados. Muito realizada com as respostas.

Descrevo os dados denominando cada participante de P1, P2, P3 e P4.

Dialogando assim com a primeira questão sobre os conteúdos desenvolvidos em sala com todos os alunos, VS conteúdos são bem parecidos, sendo que os professores envolvidos na pesquisa trabalham os elementos básicos da linguagem visual, destacando segundo P4 o ponto, a linha, a forma, cor, plano, textura. P1 utiliza também a forma, porém relata que utiliza a proporção, o volume; já P2 e P3 descrevem esse conteúdo utilizando a expressão 'elementos visuais'. Os conteúdos que P2 também cita são a arte com expressão e comunicação e as linguagens artísticas assim como P1 fala sobre a cultura tanto regional, nacional como a internacional. P3 cita os movimentos artísticos como a vida e obras dos artistas, as técnicas do desenho e pintura, dentre outros.

O P1 relata que seus conteúdos são os '*que constam na Proposta Curricular do município, elaborada por nós professores, a partir do PCN's de Arte*' (P1), como conteúdos: o desenho, a fotografia, as cores terciárias, datas comemorativas, a arquitetura, a composição bi e tridimensional, sendo visto também a modelagem, as obras figurativas e abstratas, maquetes, construção com materiais alternativos, criação de histórias em quadrinhos e visitas a exposições, museus e espaços culturais. P4 cita os artistas Tarsila do Amaral, Cândido Portinari e Aldemir Martins como conteúdos em suas aulas e ainda a escultura, o teatro de bonecos e improvisação.

Assim ao contextualizar as respostas do questionário, percebo que todas estão na mesma sintonia, colocam os alunos ao processo de ensino e

aprendizagem, deixando que coloquem suas opiniões, executando assim o lado artístico.

As metodologias utilizadas por todos são semelhantes pois aliam a teoria e a prática, contextualizando sobre o assunto e a atividade. Porém o P1, P3 e P4 relatam que utilizam o vídeo e apenas P1 diz que utiliza o som.

Com relação ao desenvolvimento das metodologias, Fusari e Ferraz (2001, p. 21-22) orientam:

Esse novo modo de pensar o ensino-aprendizagem de arte requer uma metodologia que possibilite aos estudantes a aquisição de um saber específico, que os auxilie na descoberta de novos caminhos, bem como na compreensão do mundo em que vivem e suas contradições; uma metodologia onde o acesso aos processos e produtos artísticos deve ser tanto ponto de partida como parâmetros para essas ações educativas escolares.

Podemos compreender que diante dessa orientação “[...] o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos” (FUSARI E FERRAZ, 2001, p. 73), e percebemos que não só os conteúdos precisam ser pensados, mas os gostos, os sentidos e a cultura presente em cada lugar.

A segunda questão interroga se a criança com deficiência visual consegue acompanhar o conteúdo e a metodologia desenvolvida. P3 diz que:

- a aluna para qual leciono apresenta, além da deficiência visual, uma deficiência neurológica, nesse caso seu desenvolvimento é inferior aos das demais crianças da sua idade. Estando no terceiro ano ela não tem noção do braile, por exemplo, e a parte tátil não é desenvolvida. Nesse caso, assim como ela não consegue acompanhar a turma nas demais disciplinas, em arte ela também não consegue ter igual desenvolvimento como os demais.

Para o mesmo questionamento o P1 diz que na maioria das vezes consegue sua aluna consegue acompanhar a turma:

- Minha aluna perdeu a visão por volta dos cinco anos de idade, o que permite ter uma memória visual que facilita um pouco na hora das produções.

Segundo P2 e P4 as crianças conseguem acompanhar. Sendo que P4 diz que só há alguns conteúdos que tem a necessidade de estar adaptando, como as obras dos artistas, as quais seu aluno não consegue ler porque não há nenhum recurso que possibilite o toque, o sentido do tato.

Muitas vezes não encontramos materiais para o conteúdo que queremos ensinar, com isso Sá, Campos e Silva (2007, p.26) afirma que “com bom senso e criatividade, é possível selecionar, confeccionar ou adaptar recursos abrangentes ou de uso específico”. Com isso precisamos buscar meios pelos quais o aluno com deficiência visual possa desenvolver

[...] a formação por hábitos e de postura, destreza tátil, o sentido de orientação, o reconhecimento de desenhos, gráficos e maquetes em relevo dentre outras habilidades. As estratégias e as situações de aprendizagem devem valorizar o comportamento exploratório, a estimulação dos sentidos remanescentes, a iniciativa e a participação ativa. (SÁ, CAMPOS E SILVA, 2007, p.35).

Analisamos através desse contexto que há maneiras de se desenvolver conteúdos que os alunos com deficiência possam estudar e aprender como os outros, por meio de técnicas que os professores podem pesquisar e planejar em suas metodologias, sendo que através da Lei, no art. 61 do Decreto nº. 5.296/04 se esclarece que as ajudas técnicas são

[...] os produtos, instrumentos e equipamentos ou tecnologia adaptados ou especialmente projetados para melhorar a funcionalidade da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, favorecendo a autonomia pessoal, total ou assistida. (ALVES, 2006, p.18).

A tecnologia assistiva favoreceu o trabalho com os alunos por meio do auxílio através de técnicas para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem e segundo Alves (2006, p. 19) esse meio contribuiu para um

[...] campo de atuação da educação especial que têm por finalidade atender o que é específico dos alunos com necessidades educacionais especiais, buscando recursos e estratégias que favoreçam seu processo de aprendizagem, habilitando-os funcionalmente na realização de tarefas escolares.

A pesquisa de campo revelou que os recursos utilizados pelo P4 para desenvolver o ensino de qualidade seriam materiais com os quais o

- aluno ao desenhar conseguisse imprimir um relevo sobre linhas, a fim de percebê-las durante a construção e quando o desenho estivesse pronto. Tintas com diferentes texturas e espessuras. Obras de arte, imagens e fotos em relevo ou em audiodescrição. Papéis de diferentes gramaturas, texturas e tamanhos. Espaço físico adequado para o trabalho em diferentes suportes, que possibilite experiências com tinta, massinha, argila, materiais com texturas, objetos.

Já o P2 diz que se consegue um ensino de qualidade

- através do toque, da fala e da audição; _ o aluno pode se expressar participando e interagindo com todos conquistando sua autonomia e o seu espaço como é de direito. Os recursos pode ser aparelho de som, massa de modelar, argila, tintas, etc.

O P1 utiliza 'imagens em alto relevo, áudio e objetos que ela pode manusear, o que faz com que ela sinta a forma e associe à sua memória visual' e além dos recursos, P1 afirma que é muito 'importante que ela sinta-se parte deste grupo, que contribua na hora das discussões e que produza, de acordo com suas habilidades'.

P3 diz que a aluna não consegue acompanhar a turma e que tem outra deficiência, dificultando o aprendizado. Ela chegou há pouco tempo na escola, contando há um mês com auxílio de uma segunda professora nas aulas de artes. Continuando o questionário, com a questão sobre quais das linguagens a pessoa com deficiência visual pode ter acesso nas aulas de artes, trago a resposta do P3, que relata que

- torna-se quase inviável trabalhar as cores na sala de aula, mas que pode utilizar a textura, atividades com massa de modelar, argila, entre outros meios.

Para P1 o importante é que o educando '*tenha acesso a imagens em alto relevo, a esculturas e objetos que permitam sentir a forma das coisas, a textura*' dentre outros elementos que o possibilitem compreender e chegar na proposta da atividade.

Percebo com esse questionamento que as escolas necessitam saber mais sobre as pessoas com deficiência visual, pois muitas vezes elas não tem conhecimento. Nas falas destes professores percebo que eles vão desenvolvendo seus trabalhos e conforme acham que o exercício valeu a pena continuam a utilizá-lo em suas metodologias.

A textura, segundo Dondis (1997, p.70)

é o elemento visual que com frequência serve de substituto para as qualidades de outro sentido, o tato. Na verdade, porém, podemos apreciar e reconhecer a textura tanto através do tato quanto da visão, ou ainda mediante uma combinação de ambos.

A citação explica a importância da textura para quem não pode usar o tato mas neste estudo pensamos ao contrário: na importância da textura para quem não pode usar a visão e nesse sentido vale ressaltar que a textura tátil "se relaciona com a composição de uma substância através de variações mínimas na superfície do

material” (DONDIS, 1997, p.70-71) e que por essa característica ela é sensível e perceptível aos alunos com deficiência visual por meio do sentido do tato.

Todas as linguagens artísticas são importantes para o desenvolvimento do aluno com deficiência visual, basta adaptar os materiais pedagógicos e outros recursos, possibilitando a criação.

O P4 diz que faz pouco tempo que está com esse aluno cego, e diz que acredita que todos podem aprender sobre arte tendo ou não alguma deficiência. Porém os professores tem que preparar os materiais para estar ensinando o aluno com deficiência visual, pois esse precisa sentir e assim se expressar com os outros sentidos. Podendo estar desenvolvendo o teatro, cinema, música, gravura.

Seguindo com o questionário perguntamos sobre as dificuldades de trabalhar as linguagens visuais com uma pessoa cega. Segundo o P3 é difícil trabalhar com sua aluna pois ela também apresenta outra deficiência além da visual, possuindo pouca compreensão, coordenação nos exercícios e de raciocínio. P4 e P1 as dificuldades encontradas estão nos objetos de ensino. P1 diz que *‘a maior dificuldade é buscar materiais e recursos que possam contribuir com o seu aprendizado’*, assim diz também que após ter construído vários objetos para a aprendizagem é muito gratificante ver ela apresentando a sua atividade, falando de sua produção para o grupo com desenvoltura. Segundo P1 as dificuldades se tornam pequenas após ver isso acontecer.

Segundo Tibola (2001, p. 51)

[...] cabe ao professor prever os modos de organização do tempo e do espaço para o desenvolvimento das aulas, criando um ambiente favorável às aprendizagens, sejam elas reflexivas ou de produção, e levando em consideração as necessidades de cada aluno e suas possibilidades de expressão e comunicação.

Quando o professor cria um ambiente acolhedor tudo fica mais fácil e o ensino se desenvolve com mais tranquilidade.

P4 diz que sua maior dificuldade é não encontrar materiais acessíveis ao ensino, por exemplo: as obras de arte. Ela acredita como relata no questionário:

- todas as linguagens que um aluno que não tem essa deficiência pode aprender, o aluno com deficiência também pode, sendo que muitas dessas linguagens devem ser preparadas pelo professor para que o aluno com deficiência visual possa sentir e, se expressar com os demais sentidos.

Já o P2 afirma que não há dificuldade:

- o professor só deve conhecer o aluno e oferecê-lo recursos e oportunidades para ele se expressar de acordo com suas limitações.

O professor necessita criar estratégias para desenvolver e trabalhar as linguagens visuais na escola com o aluno com deficiência visual. Assim para se trabalhar e ensinar com qualidade, segundo P2, deve haver o diálogo e exposições, o recorte e a colagem, brincadeiras podendo utilizar a música, dança e os jogos teatrais, dentre outras oportunidades.

Os passeios no pátio para P4, para a percepção do ambiente e os outros sentidos, os desenhos nas folhas brancas com EVA em baixo ou o uso da lixa sendo desenvolvido como a impressão de relevo analisando as linhas desenhadas. Descrever as obras de arte levando para sala objetos para que possa sentir no qual represente a obra vista em sala por todos. A leitura dramatizada de histórias. Contando com materiais como a tinta, giz pastel e de cera, argila, massinha de modelar, papéis com textura.

O aluno com deficiência visual precisa ter alguém que ensine e o compreenda em suas dificuldades e solicite a criatividade através do fazer artístico e nesse sentido “o professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos” (FUSARI E FERRAZ, 2001, p. 53).

O P1 acredita que o principal caminho é construir um lugar em sala de aula onde ‘o aluno com deficiência visual sinta-se parte do grupo’ que está inserido, pois assim ele poderá expressar com segurança suas ideias participando das atividades com a turma e ‘aprendendo o mesmo conteúdo com algumas adaptações nos materiais’. Assim o professor necessita construir “[...] um ambiente estimulador, de mediadores e condições favoráveis à exploração de seu referencial perceptível particular” (SÁ, CAMPOS E SILVA, 2007, p.14).

Para P1 ‘a adaptação dos materiais exige tempo, criatividade, pesquisa e acima de tudo muita vontade’, sendo muito necessário e gratificante, ‘pois é disso que depende a participação e a aprendizagem do aluno com deficiência visual. É muito importante que o aluno desenvolva suas atividades ‘com o mínimo de interferência do professor’ (P 1). Assim

o professor de Arte, junto com os demais docentes e através de um trabalho formativo e informativo, tem a possibilidade de construir para a preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem, saibam compreendê-lo e nele possam atuar. (FUSARI E FERRAZ, 2001, p.24).

P3 diz que diante de obras de arte a descrição pode ser realizada, dificultando um pouco ao falar das cores, pois é algo abstrato falar em azul ou amarelo se a compreensão do aluno com deficiência será bem distante do real.

Segundo Sá, Campos e Silva

As cores devem ser apresentadas aos alunos cegos por meio de associações e representações que possibilitem compreender e aplicar adequadamente o vocabulário e o conceito de cores na fala, na escrita, com contexto da escola e da vida. Assim, as cores podem ser associadas aos elementos da natureza, aos aromas, às notas musicais e a outras simbologias presentes nas experiências dos alunos. As atividades escolares que se baseiam na visualização de cores podem ser adaptadas por meio da utilização de texturas, de equivalências, de convenções ou de outros recursos não visuais. (2007, p. 35-36).

Percebemos que há maneiras de estar desenvolvendo a percepção sobre as cores, mas não obtemos respostas concretas se por meio disto é correto ensiná-los, pois não temos a certeza que eles compreenderam a cor conforme nossa análise sobre as mesmas.

P3 relata que se consegue trabalhar com colagens e texturas, com as formas geométricas e com linhas.

No articular de Sá, Campos e Silva (2007, p. 26):

Outras atividades que envolvem expressão corporal, dramatização, arte, música, podem ser desenvolvidas com pouco ou nenhuma adaptação. Em resumo, os alunos cegos podem e devem participar de praticamente todas as atividades com diferentes níveis de modalidades de adaptação que envolvem criatividade, confecção de material e cooperação entre os participantes.

Sobre a interação com os colegas, diante da pesquisa se conseguiu observar que em todas as escolas há uma boa comunicação. P2 leva as situações para que os alunos possam apreciar e analisar conforme as condições do colega com deficiência, para que todos possam criar e aprender juntos. P1 diz que é tranquila a interação no grupo, pois a aluna especial participava das atividades, contextualizava o assunto com ele e gostava de falar de suas atividades, do que tinha feito, o material utilizado e se gostou ou não do que fez, os colegas respeitavam, tratando como qualquer outro aluno fazendo ela se sentir bem. Ao ir embora acompanhavam e sentavam ao seu lado. P1 diz ainda que a aluna sempre participou das aulas *'sem privilégios, produzindo e sempre que era preciso chamava sua atenção como fazia com os outros'*. Sendo amada por todos. Uma experiência sem dúvida muito gratificante.

A turma do colégio do P3 *'tem um carinho enorme por ela, eles 'gostam de ajudar e nas atividades interagem bastante'*, se a criança com deficiência visual não consegue desenvolver os colegas auxiliam. P2 diz que as atividades são realizadas *'de forma coletiva ou individual; construindo um ângulo de amizade e afetividade'*. P4 relata que o relacionamento com os alunos é muito bom, apenas um aluno tem a dificuldade de interagir e de se relacionar.

Diante desta análise, compreendemos uma boa parte do cenário escolar onde se encontra o aluno com deficiência visual e confirma-se a importância de um professor de arte disposto a construir uma metodologia para um melhor ensino, possibilitando técnicas e materiais, desenvolvendo um ambiente escolar educativo, participativo, de integração com todos. Transformando a escola e o ensino em um espaço afetuoso e oportuno a todos.

6. PROPOSTA DE CURSO:

TÍTULO: Diferentes meios de ensinar ao aluno com cegueira, a linguagem visual.

EMENTA: A deficiência visual na criança. Metodologias para o ensino da arte visual. Inclusão escolar.

JUSTIFICATIVA:

A inclusão em sala deve existir, mas para isso professores e funcionários devem estar preparados e constantemente se preparando para isso acontecer. O espaço escolar necessita estar acessível, com equipamentos e a infra-estrutura adequada. Mas principalmente deve-se pensar em como ensinar os conteúdos para as pessoas com deficiência. Em arte, podemos trabalhar com o aluno em todas as atividades, mesmo que essas sejam visuais e a criança tenha deficiência visual.

Além disso, como consta no PCN de Artes (BRASIL, 2001, p. 57) “A critério das escolas e respectivos professores, é preciso variar as formas artísticas proposta ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas as Artes Visuais, Dança, Música ou teatro”.

Compreendendo assim, temos que realizar o nosso trabalho docente sempre com um bom repertório de atividades. E se encontramos um aluno com deficiência visual na sala e queremos desenvolver uma atividade com imagens, cores ou desenhos temos que o incluir porém com uma outra técnica ou material sobre o mesmo assunto.

Assim, afirma Sá, Campos e Silva (2007, p. 14) que os alunos com deficiência visual

[...] não são diferentes de seus colegas que enxergam no que diz respeito ao desejo de aprender, aos interesses, à curiosidade, às motivações, às necessidades gerais de cuidados, proteção, afeto, brincadeiras, limites, convívio e recreação dentre outros aspectos relacionados à formação da identidade e aos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Devem ser tratados como qualquer educando no que se refere aos direitos, deveres, normas, regulamentos, combinados, disciplina e demais aspectos da vida escolar.

Dessa forma percebemos que todos necessitam aprender arte, pois “a arte na educação é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento criador individual” (BARBOSA, 2007, p. 23). Assim podemos também compreender que na Arte é “[...] possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica [...]” (BARBOSA, 2007, p. 23).

Nessa direção proponho a realização de um curso de aperfeiçoamento para professores de arte, um estudo no qual facilite e amplie seu repertório diante do ensinar e aprender arte com alunos deficientes.

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar aos professores de artes, conhecimentos e técnicas para utilizar nas aulas com o intuito de um melhor caminho de qualidade na aprendizagem para o aluno com deficiência visual.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Conhecer a deficiência visual;

Elaborar conhecimentos para desenvolver as linguagens visuais com o educando com deficiência visual.

Desenvolver uma metodologia no qual facilite o aprendizado e a participação ao aluno com deficiência visual, visando a inclusão escolar.

METODOLOGIA:

Público Alvo: Professores de Arte

Proposta de Carga Horária: Quatro encontros pelo período matutino, com 04 horas, durante um mês, totalizando 16 horas ao término.

PROPOSTA:

O curso acontecerá no centro comunitário do município de Morro Grande, no primeiro encontro discutiremos o que é ser criança e também o que é a deficiência visual, analisando as leis sobre a inclusão escolar. No segundo encontro

haverá uma mesa redonda para rever e compreender melhor os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Proposta Curricular de Santa Catarina e a Política Nacional de Educação Inclusiva, levando um melhor ensino e a aprendizagem para o aluno com deficiência visual, pois como relata Tibola (2001, p.20) o primeiro objetivo da escola é “formar seus alunos para o exercício pleno da cidadania, na relação responsável e ética com o seu contexto social e seu tempo histórico, respeitadas a sua subjetividade, individualidade e marcas pessoais.”

No terceiro encontro a proposta será a de construir objetos que possam ser utilizados com os alunos com deficiência, dentro das metodologias do professor de artes. No último encontro as reflexões serão sobre a elaboração de aulas, sendo que todos os participantes ficarão com os olhos vendados, utilizando assim apenas os outros sentidos do corpo para fazer o experimento dos objetos confeccionados. Nessa direção será possível refletir que:

Uma escola que perceba todos os membros de sua comunidade escolar nessa perspectiva, em seu projeto, estará voltada para abordar tais diferenças, não criando guetos ou espaços de tratamento diferenciado, mas preparando estratégias de desenvolvimento de trabalho de modo a dar abrigo às diferenças. (TIBOLA, 2001, p. 20).

Finalizaremos com uma contextualização no qual os professores participantes colocarão suas ideias, pensamentos, pontos positivos e também negativos sobre as possibilidades apresentadas.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 116 p.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Deficiência Visual**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. 54p.

TIBOLA, Ivanilde Maria; **Arte, cultura, educação e trabalho**. Brasília: Federação Nacional das APAEs, 2001, 64p.

BARBOSA, Ana Mae, Arte/Educação e diferentes conceitos de criatividade. In: ZANELLA, Andrea V. et al (org.) **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUC/CED/UFSC, 2007. p. 23-28.

7. CONCLUSÃO

Ao finalizar esta pesquisa, retomamos o problema que gerou a investigação: quais as estratégias que o professor de Arte pode desenvolver para trabalhar com a linguagem visual junto aos alunos com deficiência visual? O estudo trouxe questões sobre as aulas de arte, especialmente no que se refere aos professores e seus alunos com cegueira.

Analisando o problema é possível afirmar que pode-se desenvolver trabalhos com alunos com deficiência visual pois depende do professor e de sua metodologia. Compreendo que muitas vezes o professor pode levar para a sala de aula, algo que desperte a criança em sua criatividade e imaginação, porém é necessário aprofundar conhecimentos e informações sobre o processo de aprendizagem das crianças com deficiência. Muitas vezes, isso é o que impossibilita o professor em criar aulas produtivas através de sua metodologia.

Acredito ter alcançado os objetivos da pesquisa, pois consegui encontrar caminhos para a minha própria atuação no ensino da arte no contato com uma criança com deficiência visual em sala de aula, no futuro. Conheci o recurso das tecnologias assistivas e aprendi a valorizar ainda mais o Braille; destacaram-se a experiência da professora que trabalhou o desenho no EVA e a ideia de levar objetos que compõem a obra visual para o aluno perceber com outros sentidos. Foi possível também perceber as dificuldades para ensinar a criança com deficiência visual: falta de materiais acessíveis ou adaptados, especialmente, obras de arte bem como a infraestrutura geral da escola; outra dificuldade apontada é que algumas crianças podem ter mais de uma deficiência, além da visual.

O professor tem que conhecer seu aluno e diante das deficiências identifica-las para que o processo de ensino e aprendizagem seja desenvolvido de acordo com sua necessidade. Esse aluno necessita que o professor busque ensiná-lo através dos sentidos para que ele possa compreender e desenvolver suas atividades. Falando da cegueira, os sentidos como o toque, o aroma, a sensação como o quente e frio, são os mais aguçados para ele.

Os objetos podem ser confeccionados pelos professores, através de materiais recicláveis ou outros elementos que não sejam prejudiciais, no entanto para muitos professores a tecnologia assistiva é um assunto novo que auxilia no ensino-aprendizado.

Em sala de aula, o conteúdo deve ser levado a todos, sendo que para as pessoas com deficiência tem que ser adaptado a elas, o que não significa excluir ou modificar o assunto, o conteúdo deve ser igual.

Nesta pesquisa tive a conclusão que o ensino pode ser desenvolvido com várias linguagens no qual para conseguir esse caminho basta o planejamento envolvendo objetos e equipamentos necessários. Vale ressaltar que o professor é o mediador, aquele que conduz seus alunos; falando de arte, ele necessita construir um ambiente lúdico que desperte a fantasia e a imaginação.

No encontro do professor com uma sala de aula haverá culturas e identidades diferentes, por isso é necessário estarmos preparados para quando adentrarmos esse espaço, saber transformá-lo em um lugar no qual todos participem e construam conhecimento.

8. REFERÊNCIAS

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado / elaboração** Denise de Oliveira Alves, Marlene de Oliveira Gotti, Claudia Maffini Griboski, Claudia Pereira Dutra - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 36 p.

ARGENTA, Adriana; SÁ, Elizabet Dias de. Atendimento educacional especializado de alunos cegos e com baixa visão. **Inclusão: revista de educação especial**, Brasília, v. 5, n. 1 , p.32-39, jul. 2010. Disponível em : <>. Acesso em: 31 out.

CAIADO, Katia Regina Moreno. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. 151p.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está na infância?** São Paulo: Blucher, 2012. 162 p.

BARBOSA, Ana Mae, Arte/Educação e diferentes conceitos de criatividade. In: ZANELLA, Andrea V. et al (org.) **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUC/CED/UFSC, 2007. p. 23-28.

BAUMER, E. R. **II SELM: Linguagem e Sociedade**. In: ORIENTAÇÕES DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE, 2, data, Criciúma. **Anais...** Criciúma: universidade do Extremo Sul Catarinense, 2012, p 6.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2001. 116 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial e perspectiva na Educação Inclusiva: MEC/SEEP**. 2007.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997. 236 p.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari. **Encontros com a arte e cultura**. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2012. 224 p.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001. 157 p.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003, 126p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006, 103 p.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo: livro para análise do professor**. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2009. 206 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed São Paulo: Hucitec, 1993. 269 p.

MÖDINGER, Carlos Roberto. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2012. 168 p. [Et al,]; ilustrações de Eloar Guazzelli

OLIVEIRA, Sandra R. R. Sobre leitura de imagens. In: ZANELLA, Andrea V. et al (org.) **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUC/CED/UFSC, 2007. p. 37-56.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. 159p.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Deficiência Visual**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. 54p.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis:Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

TIBOLA, Ivanilde Maria; **Arte, cultura, educação e trabalho**. Brasília: Federação Nacional das APAEs, 2001, 64p.

UNESC. Artes Visuais: Licenciatura. Disponível em:
<http://www.unesc.net/portal/capa/index/42>. Acesso: 25 de outubro de 2014.

10. APÊNDICE(S)

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE- UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICA: NAYSA MENEGON BIFF
ORIENTADORA: ÉDINA REGINA BAUMER**

Questionário aplicado aos professores.

Morro Grande, outubro de 2014.

Senhor (a) Professor (a) de Arte,

Este questionário é parte fundamental na pesquisa que estou realizando para a composição do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Peço sua colaboração nas respostas a estas questões, com sua maior sinceridade. Lembrando que, para dar mais liberdade em suas respostas, seu nome será omitido nesta pesquisa.

1- Quais são os principais conteúdos de Artes Visuais que você trabalha em sala de aula? E quais são as metodologias mais frequentes que você desenvolve?

2- O aluno com deficiência visual consegue acompanhar essas metodologias e aprender esses conteúdos? Quais os recursos necessários para desenvolver um ensino de qualidade nessas condições?

3- De acordo com a sua experiência, quais são as linguagens que a criança com deficiência visual pode ter acesso nas aulas de artes? (imagens, anúncios visuais, fotografias, desenhos, escultura, pintura, trabalhos com texturas).

4- Quais as dificuldades para trabalhar as linguagens visuais com uma pessoa cega?

5- Quais as estratégias que o professor de Arte pode desenvolver para trabalhar com a linguagem visual junto aos alunos com deficiência visual?

6- Como você desenvolve a questão de interação entre os colegas com este aluno? E como eles se relacionam?

Respostas:

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SOLICITAÇÃO

Eu, _____
 acadêmico(a) da oitava fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Unesc, venho por meio desta, solicitar sua autorização para frequentar o espaço de seu estabelecimento com o objetivo de realizar a pesquisa de campo, integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**olhar de um professor de arte, a deficiência visual**” Os participantes, nesta pesquisa, serão professores de arte, os quais terão a oportunidade de inserir-se ou não no estudo. Em caso afirmativo os mesmos estarão autorizando a análise e a divulgação dos dados coletados, que serão apresentados em forma de pseudônimos, assim como o nome do estabelecimento, se esse for o desejo.

De qualquer forma, agradeço a colaboração do estabelecimento em participar da pesquisa que se constitui em produção acadêmica de conhecimento e pretende contribuir para o fortalecimento da educação.

.....
AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
 autorizo a acadêmica Naysa Menegon Biff a convidar os professores de arte para participarem da pesquisa de campo do seu TCC.

- () O estabelecimento pode ser citado com o nome real.
 () O estabelecimento deve ser citado com pseudônimo ou similares.

 Assinatura do diretor

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CONVITE

Eu, _____ acadêmica da oitava fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Unesc, venho por meio deste, convidá-lo para participar da pesquisa de campo, integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**OLHAR DE UM PROFESSOR DE ARTE, A DEFICIÊNCIA VISUAL.**” Os participantes, nesta pesquisa, serão os professores de arte da rede _____ de _____ os quais terão a oportunidade de inserir-se ou não no estudo. Em caso afirmativo você estará autorizando a análise e a divulgação dos dados coletados, que serão apresentados em forma de pseudônimos, se esse for o seu desejo. De qualquer forma, agradeço sua colaboração em participar da pesquisa que se constitui em produção acadêmica de conhecimento e pretende contribuir para o fortalecimento da educação.

.....

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ autorizo a acadêmica Naysa Menegon Biff a analisar e divulgar os dados coletados na pesquisa de campo do seu TCC, utilizando pseudônimos ou similares.

Assinatura

Criciúma, ____ de outubro de 2014.